

BELA CRUZ

BIOGRAFIA DO MUNICÍPIO

VICENTE FREITAS

BELA CRUZ
BIOGRAFIA DO MUNICÍPIO

2ª edição

Bela Cruz — biografia do município

Copyright © 2013 by Vicente Freitas de Araujo

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Normalização de texto, revisão vernacular e diagramação: Vicente Freitas

Tratamento de imagens:
Francesco Petrarca de Araujo Costa

Imagem da capa: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Bela Cruz — CE.

Livrorama
sac@livrorama.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freitas, Vicente
Bela Cruz — biografia do município / Vicente Freitas de
Araujo. — Aracaju, SE. Livrorama, 2013.

ISBN 978-85-916141-0-3

1. Bela Cruz — Ceará — História
2. Bela Cruz — Ceará — Genealogia
3. Locais históricos 4. Municípios — Brasil — História

I. Título

15-00246

CDD: 981.31

Índice para catálogo sistemático:
Bela Cruz : Ceará : História 981.31

*Ao Instituto do Ceará
 (Histórico,
 Geográfico
 e Antropológico)
 a homenagem do autor*

“O moinho já não existe; o vento continua, todavia”.

Vincent van Gogh

“Comecei a aprender a parte do presente que há no passado, e vice-versa”.

Machado de Assis

“Os fatos falam por si. Naturalmente, isso não é verdade. Os fatos falam apenas quando o historiador os aborda; é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem e contexto”.

E. H. Carr

ÍNDICE

CAPÍTULO	I	— Sesmarias — Primeiros Povoadores	21
CAPÍTULO	II	— As Charqueadas	38
CAPÍTULO	III	— De Sítio Santa Cruz a Bela Cruz	49
CAPÍTULO	IV	— Formação Religiosa	70
CAPÍTULO	V	— Ensino e Educação	109
CAPÍTULO	VI	— Vida Cultural e Social	121
CAPÍTULO	VII	— Economia	135
CAPÍTULO	VIII	— Saúde	161
CAPÍTULO	IX	— A Velha do Chapéu Grande	174
CAPÍTULO	X	— Memórias de Emílio	193
CAPÍTULO	XI	— Mário Louzada	231
CAPÍTULO	XII	— Cronologia	236
CAPÍTULO	XIII	— Esboço Genealógico de Bela Cruz	437

POEMETO PARA BELA CRUZ

— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.

João Cabral de Melo Neto

Contemplando teus campos naturais
Pólen, pingos de orvalho — na úmida várzea —
Teu aniversário ousa hoje comemorar
E novamente canto teu cenário silvestre:
Espessos pomares
Casinhas modestas
Quintais pastoris
Com ruídos de vila e senzala.

Teus pequenos fatos anônimos
Hoje queremos cantar,
Com amor mais ardente
Com zelo mais forte.

Desta verde paisagem ribeirinha
Jamais olvidamos
Vaz Carrasco, o patriarca
Capitão Diogo Lopes, o médico
João Damasceno, o poeta
Joca Lopes, o músico...
— Onde estão todos eles?
Sobre as margens deste rio encantador
Permanecem.

Tua gente tem a face curtida por sóis luzentes
E sabe avançar
 recuar
 resistir
 defender-se.

Tua história contém tudo:
Corpos
 almas
 significados
Amores
 belezas
 paixões
Orgulho
 delicadezas
 canções
Esperanças
 benefícios
 doações
Experiências
 resultados
 conclusões...
(Deleites da terra;
 lida enfadonha...)

— Onde a gente de bem trabalha e sonha.¹

1 FREITAS, Vicente. In *As Melhores poesias do século*, Litteris Editora, RJ, 2002.

PREFÁCIO

“As gerações de seres vivos se substituem e, como corredores, passam uns aos outros a tocha da vida”.

Tito Lucrécio — Filósofo romano — 220 a. C.

LITERALMENTE, tal procedeu o autor, no discorrer do texto, tornando prazerosa esta prefação do estudo que narra, do nascimento aos presentes dias, a longa história de sua gleba. Desde os sesmeiros que, pioneiramente ali pisaram; fincaram as primeiras estacas e fundaram os primeiros alicerces; bravamente defrontando a natureza hostil e competindo com o tórrido semiárido, tendo-se que refletir — procediam do Velho Mundo. Bravos e destemidos, nada temeram e a tudo afrontaram, dando vida ao primitivo sítio Santa Cruz, hoje Bela Cruz, na região do Baixo Acaraú, cuja História, desde a *raiz, madeira, casca, folhas, flores e frutos*, com esmerada minúcia e competência, à posteridade transmitiu.

Trabalho de tal valia histórica, só proveria da erudição e abnegação da pena de um Vicente Freitas de Araújo que, desde a juventude evidenciou inclinação à lide das letras. Na mocidade, frequentou e conviveu com escritores e poetas na celebrada Casa de Juvenal Galeno; cursou e concluiu os indispensáveis, alcançando licenciatura em História e Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), além de se tornar escritor, jornalista e poeta. Nesta faina, basta lembrar o belo poema posterior ao índice deste estudo — *Poemeto Para Bela Cruz* — onde e primorosamente traduz em versos a História e o Amor ao

seu chão, às suas raízes e às copiosas famílias que frutificaram e formam sua gente.

Mostra seu estudo, que não deslembrou-se de que História e Genealogia são matérias interagentes e, unidas memorizam e narram o trajeto das civilizações, distribuídas pelos continentes, estados, províncias, municípios, povoados e cidades, até chegar à família, genetriz em princípio. O conhecimento histórico, não permitiu que se descuidasse do Médio Acaraú, relatando em extensa cronologia os vínculos genéticos que unificam as linhagens daquelas Ribeiras, e, na função de historiador por certo recordou Marco Túlio Cícero, príncipe da eloquência latina, que sempre viu na História a Mestra da Vida.

As ilustradas qualificações intelectuais e acadêmicas do autor, não conseguiram ocultar a indisfarçável herança genética que o sangue dos avoengos lhe impôs aos *sentidos*, pois em sua psique de raízes sesmeiras, tal mostra o texto, assomam a *visão* do curral e do chiqueiro, com seu gado e caprinos; *ouve* o sibilar do vento nas carnaubeiras; por inteiro e integralmente se regala com o *cheiro* do caju e o aroma da castanha assada; não esquece o delicioso *sabor* do beiju e das tapiocas nas farinhadas; por fim e sobremodo *teme*, a invariável presença e perversa chegada da “Velha do Chapéu Grande”; enfim, celebra em prosa e verso seu chão e, por extensão, sua gente.

E... notável parente, a idade que em nós avistam não se conta pelos anos que degradam a matéria, senão pelo que produzimos no domínio das letras, narrando a História e trazendo à memória nossos maiores, resgatando-os da poeira do tempo. Parabéns!

Fernando Araújo Farias
Historiador e Genealogista

APRESENTAÇÃO

ESTE livro é mais uma notícia ou roteiro destinado ao melhor conhecimento da história da ribeira do Acaraú e, especialmente, do município de Bela Cruz. Tem como alvo esclarecer o que há de real e de fictício nas crônicas e anais daqueles que nos precederam (pelas veredas da história) nesta região das sesmarias de Manoel de Goes.

Como observara Euclides, “há um excesso de subjetivismo no ânimo dos que entre nós, nos últimos tempos, cogitam de coisas tão sérias. Começam excluindo, em grande parte, os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica”; o que também discordamos, em parte. Cientes, no entanto, de que a modernidade é a subjetividade empenhada em se objetivar.¹

Embora não seja nossa intenção desprezar a importância da lenda, esta biografia, devidamente pesquisada, documentada, precisa e em ordem cronológica, procura apresentar uma versão racional da história deste município. Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, dizia: “a verdade não é o que aconteceu e sim o que o povo pensa que aconteceu”. Ao contrário de Goebbels — e seus seguidores — o nosso objetivo, aqui, é dizer o que realmente aconteceu.

¹ “Cogito ergo sum” significa “penso, logo sou”; ou ainda “Dubito, ergo cogito, ergo sum”: “Duvido, conseqüentemente penso, logo existo”. Assim Descartes chama o homem para a realização da subjetividade objetivante. Foi a partir deste momento que a ciência e a técnica se tornaram a metafísica da modernidade. Percebendo suas indagações, o homem começa a penetrar na compreensão do real, à medida que responde às interrogações de sua subjetividade. Toda afirmação válida e verdadeira tem que ser necessariamente resposta verdadeira e válida a uma determinada indagação do homem. (Cf. DESCARTES, René. *Discurso do Método*. L&PM, 2005.)

E, encarada como tal, esta notícia, quer nos mostrar, ainda, um esboço genealógico de algumas famílias que, de 1683, até os dias presentes — trabalhando, estudando, viajando, comerciando, transportando — viveram e vivem, procuraram e procuram essa terra para suas proezas e atividades.

O topônimo — Santa Cruz — foi seu primeiro nome, conforme consta na Escritura do terreno doado para o Patrimônio da Capela, em 1732, e nas milhares de Certidões de Batismos, Casamentos e Óbitos, conservadas nos Livros Paroquiais da época, até 1938, quando o Decreto Federal nº 311, deu-lhe a denominação de Bela Cruz, que prevalece até hoje. É o berço que acolheu a família Vaz-Carrasco, vinda de Pernambuco, no início do século XVIII, ligada aos Albuquerque, Araújo, Cavalcante, Goes, Holanda, Vasconcelos e Xerez; terra que acolheu portugueses — e descendentes — que deram origem às famílias do Vale do Acaraú.

Como salienta o mestre Capistrano de Abreu “a história do Brasil é a história de suas famílias”, adiantando que “toda ela, sobretudo em seus primórdios, se desenvolve sob o influxo dessa mentalidade grupal, refletindo suas vantagens e malefícios”. Eis o motivo que nos levou a dar destaque aos dois últimos capítulos deste livro, onde tentamos apresentar um esboço genealógico de Bela Cruz.

Afora as consultas que fizemos aos Arquivos Paroquiais, e à valiosa hemerobibliografia, em relevo a *Revista do Instituto do Ceará* (publicada desde 1887), quiçá, a mais importante e séria publicação, sobretudo no que concerne à divulgação e ao revisionismo da nossa História, Geografia e Antropologia; talvez — no mais — todo o mérito deste livro esteja em reunir, num só lugar, boa parte do acervo estudado nestas fontes. Não hesito em alongar, nesse tocante, as transcrições que houver de fazer — sempre que isso se tornar necessário — para melhor e mais eficiente compreensão e entendimento dos fatos.

Os lugares, quaisquer que sejam eles, contam uma história, dão forma a um passado que, envolvendo as pessoas que lá habitam, fazem desse passado uma história comum. E, como diria Graciliano, nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que anotei; o que julgo relevante. Outros já publicaram dados diversos. Não os contesto, mas espero que não recusem os meus: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade.

Este livro registra a pequena povoação que começou provavelmente, em 1683, com currais de gado e alguma plantação do sesmeiro Manoel de Goes, ou 1702, com Nicolau da Costa Peixoto e sua mulher Paula de Sá. A Capela, construída em 1732, foi o princípio da invocação de Nossa Senhora da Conceição. Posteriormente, aqui chegaram Manoel Vaz Carrasco, José de Xerez Furna Uchoa, Domingos Aguiar de Oliveira, José de Araújo Costa e outros, hoje aqui estudados como troncos genealógicos da região.

Gilberto Freyre sustentava que os pesquisadores têm, além do anjo da guarda, um anjo da vanguarda, que os leva a tesouros insuspeitados. Creio nesses anjos, sim. E é com eles que vos apresento a segunda edição de *Bela Cruz — biografia do município*, agora, revista e ampliada.

Testemunhamos a nossa gratidão a todos que nos ajudaram nesta pesquisa, contribuindo, assim, para a melhor identificação dos fatos e fastos aqui relacionados.

‘Dado este cavaco, entremos na matéria’.

Muito obrigado.

Vicente Freitas

VICENTE FREITAS
BELA CRUZ — BIOGRAFIA DO MUNICÍPIO



Vicente Freitas autografa “Bela Cruz — biografia do município”